

JOSÉ GUILLERMO CULLETON
Pós-Graduação em Estudos de Tradução (UFSC)

billyculleton@gmail.com.br

billyculleton@unisol.br

Endereço: Felipe Schmidt, 1210/Ap 804/Florianópolis/88010-002

Telefone: 225-1832/9968-3091

Análise da tradução para o português do poema “*El Viejo Vizcacha*”,
do livro *La Vuelta de Martín Fierro*, de José Hernández

RESUMO:

O poema “El Viejo Viscacha” foi escrito pelo poeta argentino José Hernández, em 1879. O texto faz parte do livro “La Vuelta de Martín Fierro”, um clássico da literatura argentina. A obra é uma continuidade do livro “El gaucho Martín Fierro”, de 1872, e conta a história de um gaúcho que vive feliz com sua mulher e filhos até que as autoridades argentinas, no início do século XIX, o prendem arbitrariamente para mandá-lo à fronteira do país. O objetivo era lutar com os índios autóctones para ampliar o território do país ainda em formação.

Após desertar, ele vaga pelos pampas e conhece um velho matreiro, que tem o costume de dar conselhos: *El Viejo Viscacha*, que é chamado *D. Viscacha* na tradução feita pelo português João Octávio Nogueira Leira, em 1949. O nível de correspondência entre os dois textos é quase total, graças principalmente à semelhança entre os dois idiomas.

Neste trabalho são analisadas as dificuldades de tradução da linguagem gaúcha argentina para o português e as soluções encontradas por Leira.

PALAVRAS-CHAVE:

Martín Fierro, Viejo Viscacha, poesia gauchesca, José Hernández, Nogueira Leira

ABSTRACT:

The poem “El Viejo Viscacha” was written by the Argentine poet José Hernández, in 1879. The text is included in the book “La Vuelta de Martín Fierro”, an Argentine literature’s classic. The work is a continue of “El gaucho Martín Fierro”, written in 1872, and tells the story of a “gaucho” that lives happy with his family until the government, in the 19th century, imprison Martín Fierro and sends him to the border of the country. The objective is to fight with the indigenous and extend Argentina’s territory.

After deserting, he goes around the fields and meets an old man, that has the habit of advising about life: *El Viejo Viscacha*, that is called ‘*D. Viscacha*’ in the translation of João Octávio Nogueira Leira, made in 1949. The similarity of the two languages, Spanish and Portuguese, helps to keep the correspondence of the texts.

This work analyzes the difficulties in the translation of the Argentine “gaucho” language into Portuguese and the solutions found by Leira.

KEY-WORDS:

Martín Fierro, Viejo Viscacha, gaucho’s poem, José Hernández, Nogueira Leira

Sobre o livro

O livro sobre Martín Fierro foi escrito pelo escritor argentino José Hernández (1834-1886) e é dividido em duas partes: *El gaucho Martín Fierro* (Buenos Aires: Imprenta de La Pampa, 1872) e *La Vuelta de Martín Fierro* (Buenos Aires: Librería del Plata, 1879).

A primeira parte do livro conta a história de Martín Fierro, um gaúcho que vive feliz com sua mulher e filhos até que as autoridades argentinas, no início do século XIX, o prendem arbitrariamente para mandá-lo à fronteira do país. O objetivo era lutar com os índios autóctones para ampliar o território do país ainda em formação.

Ele é obrigado a viver num acampamento militar onde é vítima de um sistema corrompido e cruel. Decide fugir, mas ao regressar a sua terra encontra seu rancho destruído e sua família desaparecida. Por isso, se revolta, se torna marginal e é perseguido pelas autoridades. Numa briga conhece Cruz, outro gaúcho perseguido, que luta a seu favor e com o qual decide buscar refúgio entre os índios.

Na segunda parte do livro, *La vuelta de Martín Fierro*, a personagem regressa à civilização e conta sua vida junto aos índios. Os costumes, uma epidemia na qual morre seu amigo Cruz, o assassinato de um índio que maltratava uma índia e a fuga com ela. Posteriormente, Martín Fierro encontra seus filhos que narram também suas aventuras. É nesta parte do livro na qual aparece o poema sobre o *Viejo Vizcacha*, objeto do presente estudo.

Na época em que o livro foi escrito, segundo o historiador Padula Perkins (1990), o gaúcho era considerado inculto e vagabundo e, por isso, mal visto pela sociedade urbana de Buenos Aires. Para os poderosos daquele tempo, o gaúcho representava a ralé e a barbárie:

Hernández toma la defensa del gaucho, tiende su mano al desvalido, y lo hace del modo que sabe y que le es efectivo: narrando la tragedia, pintando las escenas al desnudo, transmutando la “barbarie”, la vulgaridad prosaica, en valores poéticos, estéticos y significantes.

Las penurias del gaucho Martín Fierro son la síntesis de todas las tragedias del campo argentino, el desamparo de aquellos hombres, el abuso de los poderosos y la reacción viril del “matrero”. Martín Fierro es héroe popular, documento histórico, bandera, símbolo. Es el que vencerá, aun en su derrotada soledad, la soberbia. Es el que atravesará libremente las alambradas con que el progreso hirió a la Pampa.

Sobre o nome viscacha

Mas qual o sentido do nome viscacha, dado à personagem deste poema? De acordo com o *Super Dicionário Lexus* (1998, s.p.), a viscacha é um roedor grande, rechonchudo e de cabeça maciça, encontrado principalmente na Argentina:

A pelagem rude e áspera desse animal é acinzentada no dorso e branca no ventre. Sua cabeça tem listras horizontais pretas e brancas. As viscachas vivem nos pampas e passam o dia dentro de suas tocas. À noite, saem para comer e se alimentam principalmente de capim, raízes e grãos de cereais. Costumam se apropriar da ração do gado e, por isso, são perseguidas pelos agricultores, que procuram exterminá-las.

Este animal dos pampas é identificado como sorrateiro e astuto, por isso, os conselhos de D. Viscacha visam a mostrar as saídas para os problemas cotidianos que enfrentam os humildes, em contraposição aos poderosos.

Sobre o poema

O poema sobre o Viscacha ocupa 20 sextetos do livro, que tem um total de 1.193 estrofes. Este estudo analisará os primeiros dez sextetos. No original, a personagem recebe o nome de *El Viejo Vizcacha*, enquanto que na tradução para o português de João Octávio Nogueira Leira é chamado de *D. Viscacha*. O D. é abreviatura de Dom, que sugere a idéia de pessoa respeitável, de idade avançada, o que condiz com o nome original *viejo*. A tradução foi publicada na Revista *São Pedro*, na página 114, em 1949, em Porto Alegre.

A narrativa deste poema é feita em primeira pessoa pelo segundo filho de Martín Fierro. Órfão e abandonado, a sua tutela fica por conta de um velho gaúcho, apelidado de Viscacha, nomeado por um juiz.

D. Viscacha é apresentado do primeiro sexteto até a quarta frase da segunda estrofe. A partir daí, iniciam-se os conselhos, que se estendem até o final do poema. Apenas nas duas primeiras frases do oitavo sexteto, José Hernandez volta a evocar as características do Viscacha, para, imediatamente, retomar as suas orientações.

D. Viscacha é mostrado como um homem tosco e solitário, e que sob a influência do álcool começa a dar conselhos. Apesar da descrição pejorativa da personagem, suas

orientações para o jovem são recheadas de sabedoria e podem ser adaptadas perfeitamente aos dias de hoje, mesmo após quase um século e meio de sua escrita original.

O primeiro grande conselho dado por D. Viscacha se transformou numa referência mundial: “El diablo sabe por diablo, pero más sabe por viejo” (v.17-18). Ele utiliza o ditado no intuito de convencer Fierro a ouvir suas advertências, fruto de sua experiência em anos de andanças e sofrimentos pelos pampas argentinos.

No quarto e quinto verso, faz uma crítica à entidade judiciária do país, que prefere ser bajulada a aplicar a Justiça com isenção. Assim, orienta a manter sempre a amizade com “o juiz”, concordando com ele e evitando dar-lhe motivos para queixas, pois “sempre é bom a gente ter/palanque em que se rascar” (v. 23-24).

Até o conhecido escritor argentino Adolfo Pérez Esquivel (1992), prêmio Nobel da Paz em 1981, citou esta orientação de D. Viscacha, que teria o então presidente argentino Carlos Menem (1989-1998) como um dos seus seguidores:

Para los que no conocen el palenque, es un poste vertical en la tierra utilizado por los paisanos en el campo para atar los caballos y donde los animales se rascan, cuando pueden. En el Martín Fierro, el Viejo Vizcacha, ladino y sinvergüenza, enseña a los hijos de Fierro las mañas y recovecos para sacar algunas ventajas y les dice: "Hacete amigo del juez, no le des de que quejarse; pues siempre es bueno tener, palenque ande ir a rascarse". (...) Los viejos Vizcachas y los palenques están a la orden del día, como los jueces que esperan que los rasquen. No son los únicos que están pendientes de sacar provecho utilizando todos los recursos. Uno de los más mañeros es Carlos Menem, acostumbrado a rascarse en los palenques, nacionales e internacionales.

A partir da sexta estrofe, o velho conselheiro começa a fazer uso de analogias entre o ser humano e os animais que fazem parte do cotidiano gauchesco. Ele discorre, então, sobre a fragilidade do homem, “mesmo o mais soberbo” (v. 31), que em momentos de “má sorte” (v. 33) deve humildemente procurar a solidariedade do próximo para sobreviver.

D. Viscacha compara o homem enfraquecido ao gado arisco, que em época de seca recorre aos açudes situados perto dos cascos das fazendas. Imediatamente, num discurso conservador, evoca o ratão para aconselhar a manter-se sempre no próprio rincão, nunca mudando de ‘cova’. E justifica: “Vaca que muda querência, se atrasa na parição” (v. 40).

D. Viscacha expõe também a visão machista do gaúcho, vigente no século XIX, e conservada, em parte, até a atualidade. De forma pejorativa, na sétima estrofe, avisa que “nenhum homem pode crer em lágrimas de mulher, nem em rengueira de cusco” (v. 46).

Para enfrentar as freqüentes adversidades da vida, o velho matreiro orienta a fugir da aflição voltando às próprias raízes. Ele coloca o exemplo do burro “que não esquece onde come” (v. 53). Na seqüência, oferece seu último conselho, citando sua maneira de encarar a vida. Para ele, o segredo da vida é não se inquietar com os fatos cotidianos e com tudo concordar. Para isso, evoca a gordura do porco, que vive despreocupado.

Sobre a sintaxe do poema

Em diversos trechos, a obra, que está impostada como um monólogo lírico, permite que o relato se faça em terceira pessoa. O *Martín Fierro* é um poema narrativo feito em terceira pessoa por um narrador onisciente extradiagético. O narrador utiliza o mesmo linguajar gauchesco que os personagens.

Há uma estrutura rítmica bem definida: rimam os versos 2, 3 e 6, além do 4 e 5. Em todas as estrofes, o primeiro verso fica isolado e não rima com nenhum outro verso. A fórmula da rima é, pois, ABBCCB, DEEFFE, HIIJJI, KLLMML, e assim sucessivamente.

Na maioria das vezes a rima é perfeita, como no primeiro sexteto: *hablar/escarbar/dedo/pedo/aconsejar*. A única excessão é uma rima aproximada em nível fonológico, na nona estrofe do original entre os versos 2 e 3 (*desplome/hombre*). Na tradução, o autor mantém a rima também neste verso (*tome/fome*).

Sobre a tradução

De acordo com Paulo Henriques Britto (2002), “o nível primeiro de correspondência seria, evidentemente, uma tradução literal, o que raramente é possível em tradução poética”. Neste caso, porém, foi possível, pois o nível de correspondência entre os dois textos é quase total, graças principalmente à semelhança entre os dois idiomas. Há também uma identificação cultural entre o tradutor e autor, já que ambos compartilham da mesma tradição gaúcha.

A primeira estrofe mantém as rimas originais, ressaltando-se que o tradutor substituiu a expressão “ponerse em pedo” (v. 5) (embriagar-se, em espanhol), por “quando a canha o punha azêdo” (v. 5). O sentido é o mesmo, pois dá a idéia de que Viscacha ficava alcoolizado. Porém, a tradução literal não foi possível neste caso, pois a expressão original ao ser traduzida literalmente não corresponde à idéia de embriaguez no português.

Uma perda é percebida no primeiro verso da segunda estrofe. O “poncho calamaco” (v. 7) do original é traduzido como “poncho bichará” (v. 6). De acordo com o *Dicionário Lexus* (1998, s.p.), *Calamaco* em espanhol significa tela de lã fina, enquanto que bichará se refere, segundo o *Dicionário Aurélio* (1999), a tecido de lã grossa. Uma pequena variação, mas que muda a característica que o original quer dar ao “Viejo Vizcacha”: um homem vestido com farrapos, ou seja, com um poncho velho e usado.

No segundo verso da quinta estrofe, Hernández menciona que o magistrado em questão manda na “gavilla” (v. 26). Este termo tem interpretações diversas no espanhol como mostra o tradutor uruguaio Roberto Puig (1990), ao analisar o *Martín Fierro*:

En estos versos tan frecuentemente citados e incluidos en antologías, hay elementos de difícil comprensión (...). “Gavilla”, por ejemplo, que significa un hato o porción de hierbas, mieses, ramas, etc., también se emplea para designar a un grupo de personas, en sentido despectivo. En este canto puede asimismo interpretarse como el conjunto de bueyes que tiran de la carreta.

O tradutor Nogueira Leira, um dos mais renomados poetas regionalistas do Rio Grande do Sul, ignora a palavra “gavilla” no segundo verso, mas ele recupera o sentido da frase no terceiro, ao mencionar que o juiz “manda e não se afana”. O termo “afana”, neste caso, deve ser relacionado a “ter pressa”, deixando-se de lado o sentido coloquial de furtar.

O verso original:

*“Nunca le lleves la contra,
Porque él manda na gavilla:
Alli sentão en su silla,
Ningún güey le sale bravo;
A uno le da con el clavo
Y a otro con la cantramilla”*

A tradução:

*“Não venhas a contrariá-lo,
Por mais que te dê na gana;
Ele manda e não se afana,
Não lhe sai nenhum boi bravo:
Se êle dá num com o cravo,
Dá noutro com a picana”*

Nesta estrofe, Hernández utiliza três finais “illa”, que o tradutor substitui pelo final “ana”. Assim, o poema perde pela falta de menção da palavra “gavilla”, um termo forte e pejorativo contra o juiz, que pode ter o significado de quadrilha.

Mas o vocábulo que chama a atenção de estudiosos do Martín Fierro é “*cantramilla*” (v. 30). O que quis dizer Hernández com esse termo? A que objeto se referia? Roberto Puig (1990) esclarece o significado da palavra:

Hay varias posibilidades al respecto. Por un lado, la palabra dejó de usarse hace un siglo, y no hay referencias a la misma en otros textos. Se la ha definido con el significado de “implemento utilizado para acicatear a los bueyes de la carreta”, pero su caracterización precisa depende de la región y del uso al que se lo destina, y varía en función de estos elementos. (...) Pero existe otro tipo de cantramilla, que llamaríamos sonora, empleada sobre todo para los caballos, consistente en unas argollas o anillas metálicas que tintineaban, o en sonajeros (“picanas con música”, “chuzos”, “clavos con cascabeles” o “cascabeles”), con que se golpeaba el lomo del animal, o que se apoyaba en éste, para acicatearlo. El clavo al que alude el poema en la parte transcrita es el de la picana, con que normalmente el boyero o carrero alcanzaba a los bueyes de la primera yunta.

Por isso, Leira acertou ao usar o termo “picana” (v. 30). Assim, se justificam também as outras duas palavras com final “ana”, que lhe antecederam. Nas sexta e sétima estrofes, o tradutor é fiel às palavras e ao sentido do original, mantendo as mesmas rimas.

Na oitava estrofe, Leira teve que adaptar toda a rima à palavra “cusco”, que se encontra no último verso. O original usa o termo “perro” e toda a rima é com o final “erro”. Ao aparecer, no quarto verso, um ditado popular conhecido também na língua de chegada (“Que el hombre no debe creer¹/En lágrimas de mujer/Ni en renguera del perro”) (v. 46-48), se tornou impossível apenas apresentar o sentido da frase, sem a literalidade. Por isso, a palavra “cusco” acabou prejudicando os três primeiros versos da estrofe, obrigando o tradutor a adaptar vários termos que fogem do original.

Para evitar perdas maiores nesta estrofe, Leira aproveita que o primeiro verso não rima com nenhum outro e transfere o segundo verso do original (“Aquel viejo, como cerro”), onde começam as rimas com final “erro” para ser o primeiro na tradução: “E o tal velho como cêrro”. Em seguida emenda com dois versos que fogem ao original, mas que possibilitarão rimar com o a palavra “cusco”, conseguindo assim um resultado satisfatório.

O verso original:

*“Y menudiando los tragos
Aquel viejo, como cerro,
No ‘olvides’, me decia, ‘Fierro’,
Que el hombre no debe creer
En lágrimas de mujer
Ni en renguera del perro.”*

A tradução:

*“E o tal velho como cêrro
Já falava ao lusco-fusco:
‘Doutra norma te rebusco;
nenhum homem deve crer
Em lágrimas de mulher
nem em rengueira de cusco.”*

Na nona estrofe, o tradutor, apesar de manter a literalidade em todos os outros versos, no terceiro e quarto substitui a frase original “lo que más precisa el hombre/Tener, según yo discurro” por “pra não morreres de fome/ mais um conselho te empurro”. A estranha tradução só se justifica pela impossibilidade de se traduzir a conjugação do verbo discorrer, na primeira pessoa do presente. Em espanhol “discurro” rima com “burro” que aparece na seqüência. Esta combinação seria impossível com o termo “discorro”, em português.

Nos dois últimos versos da estrofe final, aparecem as maiores diferenças entre os dois textos, e pode ser considerada a maior perda da tradução. O original diz: “El cerdo vive tan gordo/Y se come hasta los hijos”, mas a tradução menciona que: “O porco vive tão gordo/e aos próprios filhos dá caça”. O sentido do ditado popular fica muito comprometido, porque a versão em português passa a impressão de que o porco oferece a caça aos filhos, enquanto que em espanhol, o porco comeria seus próprios filhos.

Bibliografia

BARONE, Luis Roberto. *Diccionario Lexus*. Santa Fé de Bogotá, Colômbia: Lexus Editores, 1998.

BRITTO, Paulo Henriques. “Para uma avaliação mais objetiva das traduções de poesia” in Krause, Gustavo Bernardo. *As margens da tradução*. Rio de Janeiro: Fapergs/UFRJ, 2002.

BUARQUE DE HOLANDA FERREIRA, Aurélio. Novo Dicionário Aurélio Eletrônico – Século XXI. São Paulo: Editora Nova Fronteira, 1999.

PADULA PERKINS, Jorge Eduardo. *El periodista José Hernández*. Buenos Aires, 1990.
www.analitica.com/bitbliblioteca/padula/jose_hernandez.asp

PAZ, Octavio. *Traducción: Literatura y Literalidad*. Barcelona: Tusquets Editores, 1990.

PEREZ ESQUIVEL, Adolfo. *Menem y la rascada en el palenque*. México, 1992.
www.desarme.org

PUIG, Roberto. *Los consejos del Viejo Vizcacha son traducibles?* Revista del Colégio de Traductores Públicos. Número 4. Montevidéo, 1990.
http://www.portaljuridico.fder.edu.uy/textos/Los_consejos_del_viejo_Vizcacha.doc

SORRENTINO, Fernando. *La sintaxis narrativa del Martín Fierro. Espéculo. Revista de estudios literarios*. Universidad Complutense de Madrid.
www.ucm.es/info/especulo/numero16/j_hernan.html

Apêndice - Íntegra dos poemas

EL VIEJO VIZCACHA (José Hernández)

Siempre andaba retobao;
 Con ninguno solía hablar;
 Se divertía en escarbar
 Y hacer marcas con el dedo,
 Y en cuanto se ponía en pedo
 Me empezaba a aconsejar.

 Me parece que lo veo
 Con su poncho calamaco
 Después de echar um güen taco

Ansí principiaba a hablar;
 “Jamás llegués a parar
 Ande veas perros flacos.”

 “El primer cuidao del hombre
 Es defender el pellejo.
 Lleváte de mi consejo,
 Fijáte bien em lo que hablo:
 El diablo sabe por diablo,
 Pero más sabe por viejo.”

“Hacéte amigo del Juez;
No le des de qué quejarse;
Y cuando quiera enojarse
Vos te debés encoger,
Pues siempre es güeno tener
Palenque ande ir a rascarse.”

“Nunca le llevés la contra,
Porque él manda la gavilla:
Alli sentao en su silla,
Ningún güey le sale bravo;
A uno le da com el clavo
Y a outro con la cantramilla.”
“El hombre, hasta el más soberbio,
Con más espinas que um tala,
Aflueja andando en la mala
Y es blando como manteca:
Hasta la hacienda baguala
Cai al jagüel con la seca.”

“No andés cambiando de cueva;
Hacé las que hace el ratón.
Conserváte en el rincón
En que empezó tu existencia:

Vaca que cambia querencia
Se atrasa en la parición.”

Y menudiando los tragos
Aquel viejo, como cerro,
No “olvidés”, me decia, “Fierro,
Que el hombre no debe creer
En lágrimas de mujer
Ni en renguera del perro.”

“No te debes afligir
Aunque el mundo se desplome.
Lo que más precisa el hombre
Tener, sigún yo discurro,
Es la memoria del burro,
Que nunca olvida ande come.”

“Dejá que caliente el horno
El dueño del amasijo;
Lo que es yo, nunca me aflijo
Y a todito me hago el sordo:
El cerdo vive tan gordo,
Y se come hasta los hijos.”

D. VISCACHA

(Tradução de J. O. Nogueira Leiria)

Sempre andava retovado
E sem a ninguém falar;
Entretinha-se a escarvar
E riscar marcas com o dedo;
Quando a canha o punha azêdo
Se dava a me aconselhar.

Com seu poncho bichará
Da memória não o saco;
Goleava um trago bem taco
E assim vinha a me falar:
“Jamais chegues a parar
onde vejas cusco fraco.”

Em defender o pelego
Todo homem corre parelho;
Atenta no meu conselho,
Do que digo toma cabo;
O diabo sabe por diabo,
Porém mais sabe por velho.

Faze-te amigo do juiz,
Não o deixes se queixar;
Se êle vier a se alterar,
Tu te debes encolher:
Sempre é bom a gente ter
Palanque em que se rascar.

Não venhas a contrariá-lo,
Por mais que te dê na gana;
Êle manda e não se afana,
Não lhe sai nenhum boi bravo:
Se êle dá num com o cravo,
Dá noutro com a picana.

Mesmo o homem mais soberbo,
Com mais espinho que a tala,
Se na má sorte resvala,
Abranda a sua alma pêca:
Até a manada baguala
Vem aos açudes com a sêca.

Não troques nunca de cova,
Segue o exemplo do ratão:
Conserva-te no rincão
Em que tiveste existência:
- vaca que muda querência
se atrasa na parição.

E o tal velho como cêrro
Já falava ao lusco-fusco:
“Doutra norma te rebusco;
nenhum homem deve crer
em lágrimas de mulher
nem em rengueira de cusco.

Não te debes afligir,
Seja que abalo te tome;
Pra não morreres de fome
Mais um conselho te empurro:
Olha o exemplo do burro,
Que não esquece onde come.

Deixa pôr a lenha ao forno
O próprio dono da massa:
Nada do que há me embaraça
E com tudo estou de acôrdo:
O porco vive tão gordo
E aos próprios filhos dá caça

